

Gilberto Freyre (1900-1987)

Gilberto Freyre é o mais amado e odiado escritor brasileiro. *Casa-Grande & Senzala*, seu principal livro é uma das obras mais polêmicas já publicadas no país. (...) O ensaio de Freyre foi aclamado como uma ruptura nos estudos históricos e sociais tanto pelo tema – a formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida – quanto pelas idéias, como a valorização do escravo negro e da cultura afro-brasileira, mas sobretudo pela linguagem, fortemente oral e coloquial, avessa a qualquer ranço acadêmico ou jargão especializado.

Freyre foi endeusado nas décadas de 1930 e 1940 como o descobridor da identidade do país e criador de uma nova auto-imagem do brasileiro, que passava da negativa a positiva, de disfórica a eufórica.

(...) Antes tomado como inferno de depravação sexual e de degeneração étnica, o Brasil se converteu pelas mãos de Freyre em paraíso tropical e mestiço, em que se daria a confraternização de raças e culturas oriundas da Europa, África e América. A idéia de uma história em que os conflitos se harmonizam passou a fazer parte do senso comum brasileiro e da cultura política do país, tendo sido veiculada pelos sucessivos governos a partir dos anos 40. Incorporado por grande parte da população, o “mito de democracia racial” se tornou um obstáculo para o enfrentamento das questões étnicas e sociais e uma barreira para as minorias, como os negros, os índios, as mulheres e os homossexuais, cujos movimentos lutam por identidades diferenciadas e reivindicações específicas.

Freyre se tornou, junto com o romancista Jorge Amado, o escritor brasileiro de maior sucesso internacional, pelo menos até a aparição do esotérico Paulo Coelho no mercado editorial dos anos 90. Tanto Freyre quanto Amado difundiram a imagem do brasileiro bom e sorridente, doce e não-agressivo, que se deixa seduzir pela mulata, cuja sensualidade ardente é glorificada quer em *Casa-Grande & Senzala*, quer nos romances do escritor baiano, como *Gabriela, Cravo e Canela, Tenda dos Milagres, Tereza Batista Cansada de Guerra* e *Tieta do Agreste*, inúmeras vezes reeditados adaptados para a televisão e o cinema.

Freyre se opôs ao governo autoritário de Getúlio Vargas e foi presidente da UDN (União Democrática Nacional) em seu estado. Foi preso e espancado em 1942, junto com o pai, devido a um artigo no *Diário de Pernambuco* em que acusava um beneditino alemão de Olinda de ser racista e pró-nazista. Foi indiciado ao Tribunal de Segurança Nacional em 1945, já no fim do governo Vargas, por ter discursado em manifestação contra a ditadura no Recife, em que a polícia política matou a tiro duas pessoas.

(...) Já sexagenário, assumiu posições polêmicas, que o tornaram maldito por mais de duas décadas para os setores de esquerda. Apoiou o golpe militar de 1964, cujo governo forte via como o restabelecimento de uma ordem patriarcal e hierárquica, destruída pela urbanização e modernização.

Roberto Ventura, “Casa-Grande & Senzala (FOLHA EXPLICA), p. 11-13. 2000.

Busque mais sobre Gilberto Freyre em: <http://prossiga.bvgf.fgf.org.br>
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Gilberto Freyre](http://pt.wikipedia.org/wiki/Gilberto_Freyre)